

Platão e Aristófanes: visões acerca da Pederastia em Atenas no período Clássico.

Luana Neres de Sousa*

Resumo: Bastante conhecida no mundo acadêmico, a Pederastia em Atenas praticada durante o período clássico ainda se trata de um objeto mal interpretado, não recebendo seu caráter pedagógico e de formação social dos futuros eupátridas, a devida atenção. Nosso objetivo neste trabalho é apresentar as principais características da Pederastia em Atenas durante o século V a.C., a partir da visão de duas fontes aparentemente antagônicas: *O Banquete* de Platão e *As Nuvens*, de Aristófanes.

Palavras-chave: Pederastia, Cidadão, Paidéia.

Abstract: The pederasty in Athens throughout the classical period is comprehensively approached in the academical environment, however it still remains a misinterpreted matter, where the future eupatridae's educational character and social formation don't receive enough attention. Our purpose in this paper is to present the main characteristics of Athenian Pederasty in 5th century BC, based in two seemingly antagonics sources: Plato's *Symposium* and *The Clouds* by Aristophanes.

Keywords: Pederasty, Citizen, Paideia.

Com o alargamento da possibilidade de objetos de pesquisa promovido pela Nova História Cultural, a partir da segunda metade do século XX, os estudos voltados para situações cotidianas do homem comum tornaram-se latentes. Psicólogos, Sociólogos, Antropólogos, Médicos, Historiadores e demais estudiosos passaram a buscar através de suas pesquisas, respostas para questões suscitadas sobre o comportamento sexual humano. Muitos desses trabalhos, motivados pelos interesses dos grupos homossexuais contemporâneos, foram carregados de conceitos anacrônicos e conclusões precipitadas, a fim de se legitimar as práticas homossexuais modernas ocidentais em outras culturas que mantiveram alguma espécie de envolvimento com o contato sexual entre indivíduos de mesmo sexo biológico, embora com conotações bastante distintas das atuais. Por décadas, associou-se a homossexualidade moderna à Pederastia grega, especialmente à ateniense. Grupos homossexuais contemporâneos ou demais facções partidárias do movimento, forçaram firmar as raízes da orientação sexual exclusivamente voltada para o “amor entre iguais” na pederastia grega, levando-nos a crer que os antigos helenos eram “gays”, desprovidos de preconceito e que, além de apoiar, incentivavam o amor homossexual. Em contrapartida, há análises que afirmam exatamente o oposto: ratificam que o amor pederástico era totalmente metafísico,

* Mestranda em História Antiga pela Universidade Federal de Goiás, sob orientação da Profa. Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves.

sendo apenas o amor de uma bela alma por outra, desprovido do desejo e do contato sexual entre as partes envolvidas.

A proposta deste trabalho é realizar uma análise acerca da pederastia em Atenas durante o período clássico a partir de Platão e Aristófanes. O interesse inicial deste decorre da carência de trabalhos de qualidade, que busquem não levantar a bandeira da homossexualidade em seu discurso, ou que em um oposto extremo, idealizem uma relação onde o amor entre os pederastas antigos ocorresse apenas metafisicamente, sem o menor contato sexual, moldando tal relação aos padrões cristão-ocidentais contemporâneos.

Contudo, para a evolução da presente análise, algumas ressalvas são necessárias. Em primeiro lugar, a escassez de fontes escritas que tratem de tal assunto é um problema constante para os pesquisadores da Antigüidade. Poucos pensadores da época tiveram a preocupação de deixar para a posteridade registros que relatassem a relação pederástica, e os poucos documentos que nos chegaram estão em sua grande maioria fragmentados. Em segundo lugar, somente a aristocracia masculina de Atenas tinha acesso a uma educação mais elaborada e os registros que nos chegaram sobre a pederastia foram produzidos por filósofos, comediantes e homens cultos de uma forma geral. Isso demonstra uma das parcialidades das fontes utilizadas na presente pesquisa, uma vez que não examinamos a opinião feminina, nem a de outras camadas sociais de Atenas para conhecermos o juízo destes acerca da pederastia durante o período clássico.

Ao se consultar o verbete “*pederastia*” no dicionário da Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, a seguinte definição é obtida: *homossexualismo masculino* (FERREIRA, 1993: 411). Todavia, na Cidade-Estado de Atenas, o significado de pederastia era outro. Oriunda do grego “*Paidierastia*”, que é a junção de outras duas expressões gregas – *país* (“criança”) e *erân* (“amar”) - de acordo com as pesquisas historiográficas atuais, o termo pederastia possuía um sentido educativo, sendo a combinação do processo preparatório do futuro cidadão ateniense, com o amor metafísico só conhecido entre os homens (VRISSIMTZIS, 2002: 101-102). Também conhecida como “amor grego”, “amor socrático” e “amor platônico”, tinha como principal objetivo a preparação do jovem para a inserção deste no seio da sociedade ateniense.

As relações pederásticas eram realizadas pelo *erasta*, que na obra platônica na maioria das vezes é traduzido por amante, e pelo *erômeno*, o amado (SCHÜLLER, 2001: 17). O *erasta* era um cidadão com papel ativo na sociedade, geralmente com mais de 30 anos, homem experiente e que sentia brotar em si uma vocação pedagógica ao tornar-se mestre de

seu amado. O erômeno era um jovem filho de cidadão que de acordo com a historiografia geralmente possuía entre 12 e os 18 anos. Devemos elucidar que as relações pederásticas ocorriam somente entre os cidadãos e futuros cidadãos de Atenas; as camadas sociais inferiores não participavam de tal processo e “*cidadãos*” no período clássico eram considerados apenas os homens nascidos em Atenas e filhos de pais provenientes de famílias atenienses, ou seja, os *eupátridas*.

O termo *homossexual* surgiu pela primeira vez no século XIX e tratava-se de um vocábulo rigorosamente científico. Atualmente há uma discussão na psicologia, na sociologia e na antropologia em torno das terminologias *homossexualismo* e *homossexualidade*, afirmando que são impróprias e que, ao usá-las, corre-se o risco de se pensar como no século XIX, quando as mesmas foram elaboradas (COSTA, 2002: 11). O vocábulo mais adequado seria “*homoerotismo*”, pois segundo Jurandir Freire Costa, o termo “homossexualidade” não é capaz de exprimir toda a diversidade que há nas experiências sexuais entre indivíduos de mesmo sexo biológico, rotulando-os. Os gregos em geral, e os atenienses em particular, desconheciam tais termos. Logo, não se deve aplicá-los para assinalar as relações pederásticas em Atenas no séc. V a.C., uma vez que tais vocábulos denotam uma condição de orientação sexual, fato que não acontecia entre os atenienses, uma vez que sua sexualidade não era dividida entre aqueles que interessavam-se exclusivamente por homens, ou exclusivamente por mulheres.

A partir da análise dos conceitos acima, conclui-se que *pederastia*, segundo o imaginário ateniense do período clássico, não é apenas mais um verbete utilizado para designar as relações afetivo-sexuais entre dois homens. Embora se trate de uma relação afetivo-sexual, os objetivos da pederastia praticada em Atenas eram bastante distintos dos pretendidos pelos casais gays atuais, portanto, possuía características peculiares, dentre os quais está a formação social dos futuros cidadãos da Cidade-Estado.

Nesta análise duas tipologias de fontes são analisadas. A primeira trata-se do diálogo *O Banquete*, do filósofo Platão. Escrito aproximadamente antes de 384 a. C, a obra é constituída por sete discursos em louvor a Eros, antecedidos pela apresentação dos personagens e finalizados pelo discurso de Sócrates, que conclui o simpósio. O diálogo se encerra quando Alcebiades, estrategista do exército ateniense, ao fingir estar embriagado, realiza uma declaração de amor a Sócrates.

Platão narra, através de uma conversa entre Apolodoro e um companheiro, um banquete ocorrido na casa de Agatão, poeta ateniense. Tal jantar ocorrera muitos anos antes

da narração de Apolodoro, que tomou conhecimento de tal fato através de Aristodemo, um dos presentes.

Em sua obra, Platão discorre sobre as virtudes que um jovem deveria possuir para que as relações chamadas “pederásticas” pudessem ser legitimadas. Havia toda uma questão moral a ser seguida e as partes envolvidas, tanto o jovem quanto seu mestre, jamais deveriam colocar em risco sua “masculinidade”, autenticando sua superioridade em relação às mulheres. Estes jamais poderiam transitar pela cidade travestidos ou possuir atitudes afeminadas, pois agindo dessa forma, estariam renegando sua cidadania. Através da análise realizada no diálogo platônico, chegamos à conclusão de que, mais que uma simples relação afetiva, erastas e erômenos comprometiam-se, ainda que inconscientemente, com a manutenção do regime democrático ateniense através dos padrões sociais estabelecidos, tendo como esteio a pederastia.

Apesar de tematizar o Amor em outros diálogos, sem dúvida é em *O Banquete* que Platão expõe de maneira mais elaborada o que para si era o Amor, quais eram as suas benevolências na vida de um homem e quais os cuidados se deveria tomar ao ser atingido por uma das “flechas de Eros”.

A relação entre *Eros* e *Logos* – Amor e Sabedoria – é amplamente compreendida, contribuindo para o esclarecimento de como se davam o convívio amoroso e a pedagogia entre erastas e erômenos. Embora se trate de um escrito filosófico, *O Banquete* serve de base para a compreensão do imaginário aristocrático do período abrangido, e complementa outras fontes, sejam literárias ou artísticas, acerca das práticas homossexuais masculinas em Atenas, nos séculos V e IV a. C.

“E é mau aquele amante popular, que ama o corpo mais que a alma; pois não é ele constante, por amar um objeto que também não é constante. (...) Ao contrário, o amante do caráter, que é bom, é constante por toda a vida, porque se fundiu com o que constante” (PLATÃO. O Banquete, 183 d - e).

Durante o período clássico, de acordo com Werner Jaeger no livro *Paidéia: a formação do homem grego*, a boa imagem da pederastia em Atenas o séc. V a.C. passou a entrar em declínio, pois seus praticantes haviam perdido a preocupação com a moral e a ética necessárias ao bom desenvolvimento desta relação e se rendido aos prazeres do corpo (JAEGER, 2001, p. 729). A função pedagógica da pederastia ofuscou-se diante do contato meramente sexual, inquietando aqueles que acreditavam no papel de formação desempenhado pelas relações entre erastas e erômenos. Platão, filósofo e defensor da moral pederástica, escreve *O Banquete* como forma de orientar a juventude de como deveria ser a relação entre

erastas e erômenos. O filósofo invoca sua memória e a de outros cidadãos para tentar apresentar a verdadeira moral pederástica aos jovens que a haviam esquecido ou desconhecido. Podemos notar que, conforme atesta Hernán Sorgetini, embora a memória funcione como uma crítica da tradição, também tem a função de transmiti-la mantê-la viva na sociedade (SORGENTINI, 2003).

Ainda que a Filosofia neste período estivesse em alta, é dedutível que nem todos eram filósofos e os que eram, tinham o direito e o dever de discordarem da opinião de Platão e de seu mestre Sócrates. Já que é um princípio fundamental da filosofia a reflexão e a problematização de padrões sociais impostos.

Neste sentido, torna-se necessária a análise de outra categoria de fonte documental que não a filosófica. Uma alternativa bastante interessante é a comédia produzida neste mesmo período. Pierre Grimal atribui à comédia antiga a função de, através do riso, incitar no povo suas opiniões acerca do tema representado no teatro (GRIMAL, 1978: 55). Aristófanes é um nome de bastante plausibilidade em decorrência do caráter de suas peças, sempre imbuídas de críticas e sátiras destinadas àqueles que apresentavam um comportamento distinto ao tolerável pelas práticas pederásticas. Segundo Mário da Gama Kury,

“Na época de Aristófanes a comédia correspondia de certo modo à imprensa, e nela eram criticadas as instituições, os políticos de um modo geral e principalmente os corruptos, os abusos de autoridade, as peças de teatro, etc. A linguagem da comédia era desabrida e contundente, muito diferente da tragédia, à exceção do lirismo de alguns coros encantadores.” (KURY, 1995: 07).

Entretanto, deve-se ter em mente que tais documentos não traduzem claramente o imaginário de Atenas sob o contato sexual entre dois homens durante o período clássico, pois conforme afirma Kenneth Dover:

“Os poetas cômicos não se interessavam em representar detalhadamente a sociedade ateniense para os estudiosos de séculos posteriores. Interessava-lhes, sim, fazer rir as suas audiências, e especialmente oferecer a estas audiências um momento de liberdade – ainda que vicária – das restrições impostas pelas leis, pela religião e pelas convenções sociais” (DOVER, 1994: 26).

A comédia política produzida em Atenas é dividida basicamente em Antiga, Média e Nova. (LESKY, 1995: 448). Em nossa pesquisa, nos atemos à Comédia Antiga, cujo principal representante é Aristófanes. Nascido aproximadamente em 445, costuma-se fixar a data de sua morte nos anos oitenta do século IV. Os dados que possuímos sobre sua biografia são escassos. Todavia, percebemos sua intimidade com a vida política ateniense através de

suas obras, que constituem uma profunda crítica às deficiências que o sistema democrático enfrentava durante o século V.

Defensor da *tradição*, Aristófanes ataca diversos personagens de representatividade pública que poderiam colocar em risco os costumes atenienses. Dentre estes, destaca-se Sócrates, que foi julgado e condenado à morte por “corromper a juventude com sua filosofia”. Suas peças funcionam como um espelho para Atenas se observar e se analisar, para posteriormente, tirar suas próprias conclusões acerca de seus atos. (SNODGRASS, 1988: 231).

Escrita em 423 a.C., *As Nuvens* foi um dos primeiros trabalhos do comediante Aristófanes e tece uma crítica a Sócrates e aos sofistas. A peça relata os anseios de Strepsíades em relação às dívidas adquiridas por seu filho Fidípedes por sua paixão por cavalos. Na tentativa de escapar dos cobradores, Strepsíades deseja que seu filho inscreva-se na escola de Sócrates a fim de que este aprenda a arte do discurso, e assim, através do raciocínio injusto, consiga persuadir os cobradores.

Temendo se juntar aos rapazes de “reputação duvidosa” que acompanhavam Sócrates, Fidípedes nega-se a atender ao pedido do pai, que decide ir ele mesmo até a academia do filósofo. Ao chegar no recinto, Strepsíades encontra os estudantes com o olhar fixo para o chão e com os *traseiros* apontados para cima, fazendo alusão a possíveis posições eróticas que poderiam existir nas relações entre erastas e erômenos.

“STREPSIADES

(...) Mas por que eles olham tanto para o chão?

DISCIPULO

Eles procuram o que existe embaixo da terra.

STREPSIADES

Então eles procuram cebolas.

Dirigindo-se aos discípulos

(...) E aqueles ali, recuados para o chão, que estão fazendo?

DISCIPULO

Eles investigam o Érebo até as profundezas do Tártaro.

STREPSIADES

Por que, então, o olho traseiro deles fica contemplando o céu?

DISCÍPULO

Eles aprendem ao mesmo tempo astronomia com os respectivos traseiros.”

(ARISTÓFANES. *As Nuvens*, P. 23 – 24)

No decorrer da comédia, Strepsíades encontra-se com Sócrates e estabelecem um diálogo, sempre marcado pela ironia e pela crítica de Aristófanes aos sofistas e aos discípulos de Sócrates. Ao final da obra, Strepsíades consegue que seu filho tome algumas aulas na academia de Sócrates, porém, Fidípedes utiliza-se de todo o conhecimento adquirido com o Raciocínio Injusto para agredir seu pai com palavras e atos grosseiros. Insatisfeito com os “ensinamentos” do mestre, Strepsíades se revolta contra Sócrates e atea fogo à academia, acabando com o “reinado” deste filósofo em Atenas. Termos pejorativos como “maricas”¹ aparecem constantemente em *As Nuvens*, ilustrando o descontentamento de Aristófanes em relação aos praticantes da pederastia neste período.

Percebemos que tanto Platão quanto Aristófanes preocupam-se com a tradição educacional corrompida no século V. No entanto, expressam essa preocupação de formas distintas. A metodologia utilizada por Platão é a do diálogo, apresentando à juventude corrompida o modelo que deveria ser seguido para que a pederastia fosse corretamente praticada. Já Aristófanes defronta a juventude com seus próprios atos transgressores através de suas obras caricaturadas, recurso que se assemelha a um espelho. É como se Platão quisesse demonstrar como deveria ser a praticada a pederastia e Aristófanes mostrasse primeiro os equívocos de como ela estava sendo realizada, para que através da análise da própria platéia, esta concluísse como a pederastia deveria ser.

O imaginário de uma determinada época e região é diferente de outra, em decorrência do contexto em que esse imaginário está inserido. O homem é um ser cultural, modificando seus costumes e sendo modificado por eles. O nosso papel enquanto pesquisadores não é julgar se a pederastia ateniense do período clássico era correta ou errada, mas compreender como tal sociedade encarava tais práticas, inseridas em um contexto histórico e cultural específico.

Referências bibliográficas

A - Documentação Textual:

ARISTÓFANES. *As Nuvens - Só para Mulheres - Um deus chamado Dinheiro*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

PLATÃO. *O Banquete*. Trad: J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. 204 p.

¹ Temos consciência que no grego clássico verbetes como “maricas”, “bichas” e “veados” não existiam e que Mário da Gama Kury, ao utilizá-los na tradução da obra original, procurou aproximar a linguagem de Aristófanes do português contemporâneo, para familiarizar o leitor com o ambiente cômico em que foi elaborada a obra. No original, o termo que aparece é *euryproktoi*, que em grego significa “ânus largo”.

B – Obras Gerais:

- BACZO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996. Vol. 5. Pp. 296 – 331.
- COSTA, Jurandir Freire. *A Inocência e o Vício: estudos sobre homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- DOVER, Kenneth James. *A Homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1994.
- GRIMAL, Pierre. A comédia Antiga. In: _____. *O Teatro Antigo*. Lisboa: Edições 70, 1978. Pp. 53-64.
- JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KURY, Mário da Gama. Introdução. In: ARISTÓFANES. *As Nuvens - Só para Mulheres - Um deus chamado Dinheiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- LESKY, Albin. A Comédia Política. In: _____. *História da Literatura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. Pp. 448 – 483.
- MARROU, Henri Irénée. Da Pederastia Como Educação. In: _____. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1990. Pp 51 – 65.
- SCHÜLER, Donaldo. O Banquete. In: _____. *Eros: Dialética e Retórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. Pp. 12 – 107.
- SNODGRASS, Mary Ellen. *Clássicos Gregos*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.
- VRISSIMTZIS, Nikos A. Pederastia. In: _____. *Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga*. São Paulo: Odysseus, 2002. Pp. 100 – 114

C - Artigos de Periódicos, Obras Gerais e Específicas

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- SORGENTINI, Hernán. Reflexion Sobre la Memória y Autorreflexion de la Historia. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.23, nº 45, 2003. Pp. 103 – 128.
- VEYNE, Paul. Os Gregos conheceram a Democracia? In: *Diógenes*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, vol. 6, 1984. P. 57-82.